

Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

Associação livre

*Por Ana Maria Sabrosa**

A “associação livre de ideias” é um instrumento da técnica psicanalítica desenvolvida por Freud e, no artigo “A dinâmica da transferência” (Freud 1912), a expressão “regra fundamental” é utilizada oferecendo, assim, um lugar de extrema importância para o “associar livremente”. Podemos dizer que a associação livre de ideias baseia-se no livre fluxo do pensamento, quando o paciente deve dizer tudo que lhe venha à mente, com ou sem um sentido aparente; comunicando ao seu analista tudo o que lhe ocorrer, sem censura ou seleção prévia.

Seria uma tentativa de criar uma condição, dentro da relação transferencial com o analista, sob uma “lógica” similar à do sistema inconsciente. Desta forma, tal qual nos sonhos, o processo primário estaria presente nas associações livres. Ao interpretar os sonhos, a livre associação permitiria a Freud alcançar o conteúdo latente a partir do qual os sonhos eram elaborados: um elemento do sonho podendo servir de ponto de partida para o desencadeamento de cadeias associativas.

Desde “Os Estudos sobre a Histeria” (Freud 1895) percebemos como Freud seguiu o caminho pelo qual suas pacientes indicavam: o agrupamento de associações, as suas conexões dando possibilidade de acesso ou não à consciência, irão se inscrever na dinâmica do conflito defensivo próprio de cada sujeito. A regra da associação livre estará sempre presente no processo analítico, onde o analisando poderá expressar os seus pensamentos a partir de uma palavra, de uma imagem de um sonho, de uma sensação, do uso de um brinquedo (no caso de crianças ou adolescentes), e todas as formas espontâneas que lhe ocorram ao se comunicar com seu analista.

Assim um caminhão, nunca será só um caminhão. Vou exemplificar. Há muitos anos, atendi uma criança no hospital que, de forma recorrente, pegava um caminhãozinho de brinquedo e levava-o para o canto da sala e o deixava lá parado. Colocava dentro do caminhão um bonequinho, que nomeou com seu próprio apelido. Foi necessário aguardar por várias sessões até que o menino pudesse associar livremente e dizer que quando olhava para o caminhão pensava que gostaria de saber dirigir e de ter um “caminhão só para ele”. E, se ele conseguisse

dinheiro para comprar um, ele iria andar por todas as estradas do Brasil para procurar o seu pai. O pai deste menino, logo ao vê-lo nascer, saiu de casa. Haviam contado para ele que o pai sumira, que um dia ele saiu para trabalhar e nunca mais voltou, e nem descobriram o que aconteceu. Ele trouxe para análise esta associação de “desejo do encontro com o pai” através do caminhão. Ele era “fissurado” por caminhões. E, quando os via na rua, causava forte preocupação e irritação na mãe, pois ele gritava muito e se contorcia rotineiramente na condução em que estavam, ocorrendo algumas situações onde precisaram saltar do ônibus em que se encontravam.

Após essas sessões, onde ele pôde associar a representação que o caminhão tinha para ele, passou a sentir-se menos angustiado e já era capaz de comunicar os seus sentimentos e pensamentos.

Mas o que seria do paciente sem a “atenção flutuante” do analista? Em “Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise” (1912), Freud afirma que: “o médico deve colocar-se em posição de fazer uso de tudo o que lhe é dito para fins de interpretação e identificar o material inconsciente oculto, sem substituir sua própria censura pela seleção de que o paciente abriu mão ele deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente”. (Freud 1912 p 154)

Sabemos que, diante do convite do analista a associar livremente, estará a resistência – a “pedra angular” da Psicanálise. Assim, a associação livre pode ser uma “regra” de grande valia, pois poderemos considerar “livre” o desenrolar das associações, “na medida em que esse desenrolar não é orientado e controlado por uma intenção seletiva”. (Laplanche e Pontalis – 1988 p. 73)

Neste breve texto, lanço mão agora, do pensamento de Winnicott para lembrar que o encontro analítico se dará num espaço potencial, na “sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta”. (Winnicott 1975 p. 59)

Um “sentido” será construído na relação transferencial, ou seja, não se trata apenas de um sentido que estava lá escondido para ser revelado, mas um sentido que vai sendo construído gradativamente dentro da relação analista-analisando, tornando a possibilidade associativa uma eterna aliada para a criação contínua.

* Ana Maria Sabrosa é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.